

## Programa de Trabalho

Chapa

# DIÁLOGOS e FAZERES

Composição

**Jones Dari Goettert** – direção

**Alzira Salete Menegat** – vice-direção

"Isso de a gente querer ser exatamente o que a gente é,  
ainda vai nos levar além."

(Paulo Leminski)

### *DIÁLOGOS E FAZERES*

A Faculdade de Ciências Humanas *faz-se* como processo através de seus quatro cursos de graduação – Ciências Sociais, Geografia, História e Psicologia – e cinco programas de pós-graduação – Antropologia, Geografia, História, Sociologia e, com aprovação mais recente, Psicologia.

*Faz-se* como materialidade através das instalações físicas em forma de salas de aula, secretarias, laboratórios, gabinetes, centros acadêmicos, auditórios...

*Faz-se* como cotidiano acadêmico pelas centenas de disciplinas das graduações e pós-graduações, projetos de ensino, pesquisa e extensão, eventos, intercâmbios...

A FCH *faz-se*, sobretudo, como sujeito através da multiplicidade feita técnicos-administrativos, discentes, docentes e colegas da limpeza, da vigilância e outros profissionais e sujeitos presentes em seu cotidiano. Sujeitos que compartilham seus *fazer*es em espaços internos e externos da Faculdade, em exercícios de pensamentos e práticas de compreensão e de *refazimento* constantes, contínuos e críticos do mundo – desse mundo abarcado pelas leituras e práticas históricas, antropológicas, psicológicas, sociológicas, políticas e geográficas.

Passados dez anos de sua criação, como uma das unidades já presentes na própria origem da UFGD, a FCH tem assumido um protagonismo decisivo nos caminhos trilhados – e a trilhar – por toda a

instituição. No bojo de movimentos de dentro para fora e de fora para dentro da Universidade, a FCH reexamina a cada novo momento o seu papel no conjunto das mudanças que atravessam as diversas dimensões e escalas de nosso *pensar* e de nosso *fazer* – dimensões acadêmicas, sociais, culturais, simbólicas, étnicas, políticas, ideológicas; escalas das relações internas e externas, locais, regionais, nacionais, internacionais, transfronteiriças.

E uma das “conclusões” deve sempre ser retomada com força e afinco: o **diálogo** como possibilidade efetiva para a densidade crítica e o **fazer** transformador, concatenados às demandas sociais dos sujeitos, comunidades, grupos e classes socialmente subalternizadas e invisibilizadas.

É com este espírito e com esta prática de incessantes diálogos e fazeres, como condição de construção coletiva da Faculdade de Ciências Humanas, para dentro e para fora, que dispomo-nos a participar dela, agora, na contribuição como diretor e vice-diretora. Eu, **Jones**, e eu, **Alzira**, lançamos esse **diálogo** como defesa ampla, irrestrita e radical de práticas democráticas, participativas, da multiplicidade e da diversidade, como possibilidade concreta – objetiva e subjetiva – de experiências de sentidos e ações inclusivas, críticas, criativas e inovadoras, em *empreendimentos* de plena liberdade, igualdade e solidariedade.

Mais que uma “gestão pela gestão”, de “qualidade pela qualidade”, de “números pelos números”, propomos uma atuação com, para e na participação, *gerindo* coletivamente o que se constitui, por si só, a coletividade FCH. Assumir, em todo o *fazer*, o duo ouvir/falar como condição de “início-meio-fim” de todo processo de construção efetivamente solidária de experiências – de ensino-pesquisa-extensão-internacionalização, de política e cultura, em sua multiplicidade –, *bordando-se* e *transbordando-se* como experiências de vida, de existência. Atuação-gestão, quantidade e qualidade devem se constituir como parte do processo mais amplo e profundo de troca e produção de experiências e conexões inovadoras do *pensar* e do *fazer*.

### ***Fazeres, diálogos e experiências com Compromisso Social***

Os cursos de graduação em Ciências Sociais, Geografia, História e Psicologia e os programas de pós-graduação em Antropologia, Geografia, História, Sociologia e Psicologia são expressão de compromissos assumidos pela FCH, como parte da UFGD, em sua relação indissociável de toda sociedade.

Internamente, os fazeres, diálogos e experiências em cada espaço devem transbordar para todos os outros, construindo práticas comunicantes entre a multiplicidade discente, técnica-administrativa e docente. O fortalecimento de cada curso e programa deve ser simultâneo aos diálogos, fazeres e experiências de todas e todos, como condição para o fervilhar e crescimento individual/coletivo, singular/plural.

4.

Do interior da UFGD, a construção de diálogos e fazeres construtivos, propositivos e críticos para consolidar a instituição como espaço de atuação acadêmica e social, em aproximação crescente às demandas e expectativas dos sujeitos e grupos historicamente *de fora*, ausentes ou distantes do mundo acadêmico-universitário público, gratuito e de qualidade. Diálogos e fazeres com a reitoria e com as demais faculdades como prática constante e, a partir da FCH, a defesa firme de princípios e práticas de democracia, participação, diversidade e pluralidade amplas.

Em especial, mais que projetos acadêmicos, toda graduação e pós-graduação da FCH são projetos político-sociais. Por isso, nossa atuação é reforçar e aprofundar o compromisso orgânico e solidário com toda a sociedade, mas sobretudo com sujeitos, grupos e classes que mais aspiram por nossa relação e atuação inclusivas.

### **Iniciativas e ações**

- Realização e apoio de atividades de aproximação e fortalecimento intelectual, cultural e político com movimentos sociais e populares, entidades de representação de trabalhadoras/trabalhadores e de resistência e reivindicação (urbanas e do campo, locais, regionais, nacionais e internacionais), pautando-se no pensamento e prática críticos.
- Realização de diálogos permanentes com as comunidades externas à FCH e à UFGD, ouvindo e construindo propostas conjuntas e coletivas de ensino, pesquisa, extensão, sociais, culturais e políticas.
- Construção de canais efetivos de comunicação e socialização dos *fazeres* da FCH com a UFGD e com a sociedade, articulando mecanismos com mídias formais e alternativas.
- Realização e apoio a atividades (eventos, cursos, seminários e oficinas...) culturais e políticas em torno de temas como Política e Classes Sociais, Economia e Cultura, Racismo e Violências, Diversidade, Gêneros, Ideologia e Poder Simbólico, Indivíduo e Sociedade.

### **Fazeres, diálogos e experiências com Ensino, Pesquisa, Extensão, Internacionalização, Cultura e Política**

A relação Ensino-Pesquisa-Extensão deve ultrapassar a condição formal e se constituir como *práxis* solidária entre o saber pensar e o saber fazer, articulando saberes de dentro para fora e de fora para o interior da Universidade. A FCH pode e precisa entrosar-se ainda mais em suas várias áreas do conhecimento, construindo conexões novas entre planos, projetos e programas e sujeitos e grupos em sua diversidade, objetivando a compreensão de “totalidade” de tempos e espaços, consciências e inconsciências, culturas e políticas, comunidades e sociedades, sujeitos, grupos e classes sociais.

A transdisciplinaridade precisa, hoje, articular-se ainda mais à trans-escaliridade. As fronteiras, mais que roturas intransponíveis, colocam-se também como possibilidades para o encontro entre sujeitos, instituições e suas experiências de saberes, diálogos e fazeres. Nesse sentido, a

A

internacionalização deve ser incentivada e efetivamente promovida e planejada como parte de nossas relações de socialização e solidariedade, pois contrastes, ambiguidades, desigualdades e contradições são expressões da “globalização” (perversa, como acentuou Milton Santos) vivida em suas múltiplas facetas, em qualquer lugar.

Conceber e praticar solidariamente Ensino-Pesquisa-Extensão e práticas de internacionalização devem ser parte de uma Cultura do múltiplo e do diverso e de uma Política de empoderamento crítico de sujeitos, grupos e classes de resistência, propondo “câmbios” efetivos de experiências acadêmicas e de *refazimento* de formas de pensar e de fazer. A Cultura no plural e a Política como prática de crítica e resistência podem e devem pautar o movimento – individual e coletivo – rumo a *novas práticas do pensar e a novas epistemologias do fazer*.

### **Iniciativas e ações**

- Promover discussões sobre proposição e criação de novos cursos de graduação e programas de pós-graduação.
- Realização e apoio de atividades e projetos articulando Ensino, Pesquisa e Extensão com e entre cursos de graduação e de pós-graduação, socializando projetos e troca de experiências (com apoio e fortalecimento das comissões de ensino, pesquisa e extensão como espaços também de proposição de políticas correlatas).
- Persistir na promoção periódica do evento “A Humanidade nas Humanidades”, como momento de interação, socialização e solidariedade em torno de questões sociais atravessadas ou que atravessam nossos diálogos e fazeres antropológicos, sociológicos, políticos, psicológicos, históricos e geográficos.
- Apoio às Semanas Acadêmicas (ou correlatas) como momento de encontro nos diferentes cursos da FCH.
- Apoio, incentivo e promoção de atividades culturais possibilitando a interação e socialização dos diversos cursos e segmentos (música, cinema, poesia, artes plásticas etc.).
- Construção de painel informativo sobre projetos, programas e ações de Ensino, Pesquisa e Extensão da FCH.
- Apoiar práticas existentes e incentivar novas frentes de internacionalização, articuladas à política geral da UFGD, com formação de comissão para elaboração de quadro e plano de convênios, atividades, intercâmbio e proposição político-acadêmico-social de internacionalização da FCH (ênfase, sobretudo, relações com a América Latina), contemplando a participação de docente, técnico-administrativa e discente.
- Apoio a atividades e representações que possibilitem uma relação intensa e compromissada entre comunidade acadêmica e sociedade (desde trabalhos de campo e palestras à atuação em espaços como conselhos municipais, regionais e nacionais).
- Apoio e fortalecimento dos grupos PIBID, PET e outros.

## ***Fazeres, diálogos e experiências com o ouvir/falar, atuar-gerir e fazer coletivos***

Toda iniciativa, projeto ou programa deve articular as dimensões individual e coletiva. O ouvir/falar emanado individualmente precisa ressonar em outras vozes, dando sentido e prática à participação ampla e coletiva, superando limitações e construindo novas possibilidades e experiências.

A democracia e a participação são processos construídos e reconstruídos constantemente, tanto nos espaços formais instituídos como em novas dimensões. Nos espaços já formalizados (comissões de graduação, coordenadorias de pós-graduação, conselho diretor etc.), aprofundar mobilização, organização e participação de todos os segmentos (discente, técnico-administrativo e docente). Além deles, é necessário a construção de espaços do ouvir/falar e fazer coletivos não-formais, com os três setores (bimestralmente) e coletivamente (semestralmente).

O atuar-gerir (a “gestão”) deve ser prática para além de uma “mão dupla”, e sim de “mãos múltiplas”. Precisar, distribuir, “impessoalizar” e seguir procedimentos e formalidades são ações de construção conjunta que podem tornar o cotidiano mais dinâmico. Em todos os momentos e espaços na FCH estamos nos relacionando com a *outra*, o *outro*: discentes, técnico-administrativos, docentes e colegas da vigilância e limpeza expressam diferenças que devem pautar, no entanto, construções de respeito, dedicação, atuações e afirmações de igualdade.

Nesse sentido, a atuação-gestão da direção da FCH depende sobretudo da construção de “atuação-gestão” em cada um de seus espaços: cada lugar, sala de aula, laboratório, secretaria, auditório, centro acadêmico, corredor, banheiro, cozinha, saguão, são extensão e parte desse movimento, em fazeres de uma dialética individual/coletivo. Nesse sentido, instituir novos ou melhores protocolos e controles (como acesso e uso de espaços) deve ultrapassar o entendimento de controle de sujeitos e corpos *em si* (em disciplinamentos e biopoderes), mas responder a que sejam mecanismos de efetivo uso amplo e democrático de espaços e equipamentos (em relações participantes e de autonomia).

Diálogos, fazeres e experiências democráticas, participativas e autônomas tem como pressuposto também a ideia de “comunidade” que, por sua vez, ancora-se na *comunicação* (a ação de tornar ou fazer comum). Criar, desenvolver e aperfeiçoar instrumentos e mecanismos de comunicação é fundamental para a socialização tanto de “direitos e deveres” (como regulamentos) como de experiências do fazer ensino, pesquisa, extensão, cultura, política etc. (palestras, debates, ciclos de cinema, seminários, atos, manifestações...).

### **Iniciativas e ações**

- Diálogos permanentes com os segmentos institucionais – discentes, técnico-administrativos e docentes – e “complementares” – trabalhadoras/trabalhadores da vigilância e limpeza – da FCH, para a construção de *fazeres* simultaneamente autônomos e solidários de atuação e gestão.
- Instrumentalizar a atuação-gestão democrática em assembleias periódicas, com balanços, avaliações e reorientações de planejamentos da FCH.



- Construção coletiva de procedimentos formais e de rotina do trabalho que busquem maior padronização, simplificação e agilidade em demandas e encaminhamentos.
- Propor mudanças para a melhoria dos sistemas *online* da UFGD, como a padronização de mecanismos de inserção de dados e informações para graduações e pós-graduações.
- Produção de informativo sobre procedimentos formais na FCH, socializando instrumentos, mecanismos e espaços sobretudo para discentes, técnico-administrativos e docentes ingressantes.
- Construção de painel informativo sobre a distribuição dos espaços internos do prédio da FCH.
- Criar canais mais ágeis e efetivos de comunicação com e entre a comunidade acadêmica da FCH, como construção e divulgação de agenda da direção e do fazer de toda Faculdade.
- Construir coletivamente formas e horários alternativos de trabalho e atendimento em períodos de recesso.
- Contribuir, com o conjunto da UFGD, em discussões e estudos sobre a viabilidade de flexibilização da jornada de trabalho.
- Realização, em parceria com administração central e pró-reitorias, de cursos de capacitação gerais e específicos, sobretudo para técnico-administrativos.
- Dar continuidade a melhorias de adequação, com equipamentos e materiais, dos diversos espaços da FCH (salas de aula, laboratórios, secretarias, gabinetes etc.) para melhor acesso e uso individual/coletivo.

### ***Fazeres, diálogos e experiências com os sujeitos dos fazeres, diálogos e experiências***

Os sujeitos alunas e alunos, técnicas e técnico-administrativos, docentes, vigilantes e trabalhadoras da limpeza são, no interior da FCH, o centro do qual *se move*, do qual *nos movemos*: um certo *Axis Mundi* dos sentidos e práticas dos diálogos e fazeres acadêmicos. Mais que sujeitos de “início” ou de “meio” ou de “fim”, constituem-se como comunidade de experiências tanto de ensino, pesquisa e extensão, como e sobretudo de experiências de vida e trabalho de compreensão e fazimento do mundo, que “cabe” a cada um, para cada um e de cada um. Experiências que se interpenetram, se coadunam, se hibridizam, em meio a aproximações, a distanciamentos. A multiplicidade se revela como diversidade e diferenças, mas também como desigualdade: eis um desafio central às ciências humanas, às humanidades.

Para o fervilhar e crescimento de todas e todos é preciso ir, criar e fazer o encontro. Encontros entre as e os “qualquer” (como “A comunidade que vem”, de Giorgio Agamben), na superação de todo preconceito, discriminação, hierarquia e racismo. Toda relação acadêmica e de trabalho no interior da Universidade é atravessada pelas relações “do mundo a sua volta”, pois que é o próprio mundo fazendo-se sujeitos do diverso, harmônica e conflituosamente.

Fazer o bom encontro é condição para a superação dos perversos encontros historicamente impostos (entre dominantes e dominados, patrões e empregados, homens e mulheres, gêneros

dominantes e “sem gêneros”, “brancos”, indígenas e negros, donos de terras e sem terra alguma...). E cada lugar deve ser o de novos encontros, pois que cada sujeito é expressão dos dramas, das tramas e das possibilidades que se fecham/abrem a cada novo-outro espaço/tempo. A superação de toda prática de mando e de hierarquia é processual, cotidiana, na qual todo sujeito deve assumir-se como parte e como todo, responsável e respeitosamente, para a construção de novas conexões – outros passados, outros presentes, para novos devires.

Praticar cotidianamente o ouvir como condição imprescindível para o falar, de discente para técnico-administrativo, deste para docente, para as trabalhadoras/os trabalhadores da vigilância e da limpeza e de todos os “vice-versamente” possíveis, em nossos encontros de cada dia – e de cada noite – na construção de novos e outros diálogos e fazeres.

### **Iniciativas e ações**

- Intensificar os canais de diálogos e de fazeres da direção da FCH com a comunidade discente, técnico-administrativa e docente, com reuniões, encontros e atividades periódicas.
- Incentivar e apoiar o fortalecimento das entidades representativas discentes (centros acadêmicos e associações de pós-graduação), como espaços de construção acadêmica, política e cultural, autônomas em suas práticas e críticas.
- Adequar espaços internos da FCH para momentos de encontro (refeições e descanso, dentre outros).
- Persistir e aprofundar o planejamento de capacitação permanente do corpo técnico-administrativo e docente.
- Apoiar, incentivar e promover oficinas de capacitação (como de interpretação e produção de texto) para discentes, como parte de sua formação complementar.
- Construir junto a trabalhadoras/trabalhadores da vigilância e da limpeza iniciativas de incentivo à formação e valorização de suas atividades.
- Encontros periódicos (preferencialmente semestrais) de confraternização da FCH.

A **construção deste programa de trabalho** – e em construção: a atuação coletivo possibilitou que chegássemos aqui. Contribuíram mais agudamente os professores João Carlos (História), Marcos Antônio (Ciências Sociais), Sérgio e Adeir (Geografia), a professora Lisandra (Geografia) e a técnica-administrativa Roseane (secretaria do curso de História). **Em construção**, o programa é processo e a contribuição propositiva e crítica sempre será fundamental. Obrigado. Jones e Alzira.

